

## Capítulo 4

# Alguns contributos de Norbert Elias para o estudo das redes sociais *on-line*

Cristiano das Neves Bodart  
Welkson Pires

### Introdução

As mudanças nas formas organizativas da sociedade hodierna, em grande medida decorrentes do avanço das tecnologias da informação e comunicação, vêm suscitando, no campo académico, o uso recorrente de expressões como «sociedade em rede» (Castells, 2010; Dijk, 2006), «sociedade da *web*» (Kerkhove, 1998) e «mundo conetado» (Mulgan, 1997) para pensar, em termos reticulares, o modo como se estruturam as relações sociais contemporâneas. Contudo, importa ressaltar que a utilização da noção de rede como instrumento teórico-metodológico para a apreensão do modo como se ligam os indivíduos entre si não é nova no âmbito das Ciências Sociais. Como nos lembra Acioli (2007), a noção de rede já vinha sendo mobilizada, seja em termos metafóricos, a fim de ilustrar a estrutura que se forma a partir dos variados laços sociais estabelecidos entre os indivíduos (Radcliffe-Brown, 1949; Wiese, 1932), seja como instrumento metodológico, de modo a evidenciar os contactos surgidos a partir das interações interindividuais e intergrupais (Bott, 1976; Barnes, 1954); isso para além do sentido tecnológico, no qual atualmente vem sendo empregada, visando tanto caracterizar a arquitetura das recentes tecnologias da informação e comunicação quanto demonstrar o seu impacto no que diz respeito a geração de novas conexões sociais (Castells, 2010; Lévy, 2010).

Dentre os teóricos sociais da primeira metade do século XX que chamaram a atenção para o estudo das redes sociais está a figura proeminente de Norbert Elias. Filho de judeus alemães,<sup>1</sup> nascido na cidade de Breslau, Prússia (atual Wrocław, Polónia), no ano de 1897, Elias estudou Medicina e Filosofia na Universidade de Breslau, frequentando dois semestres nas universidades de Heidelberg e Freiburg, antes de dedicar-se à Sociologia, área na qual se destacaria como um dos mais importantes pensadores sociais do século XX. Teve uma longa carreira intelectual e docente, embora sua produção tenha arrefecido por alguns anos em decorrência da II Guerra Mundial. Lecionou na Universidade de Heidelberg (1925-30), na Universidade de Frankfurt (1930-33), na Universidade de Leicester (1954-62), na Universidade do Ghana (1962-64) e no *Zentrum für Interdisziplinäre Forschung* (Centro para a Pesquisa Interdisciplinar), da Universidade de Bielefeld, na Alemanha (1979-84) (Waizbort, 1999c). Elias teve seu reconhecimento tardiamente, aos 70 anos de idade, quando lançou, em 1969, a obra *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Sua mais prestigiada obra, *O Processo Civilizador*, dividida em dois volumes (vol. 1 – *Uma história dos costumes* e vol. 2 – *Formação do Estado e civilização*), teve um impacto mínimo quando publicada pela primeira vez em 1939, porém tornou-se leitura obrigatória aos que desejam compreender sua perspectiva sociológica.<sup>2</sup>

Os estudos de Elias, em geral, tinham como ponto em comum a preocupação do autor em propor uma nova abordagem sociológica que fosse capaz de romper com a visão dicotômica entre indivíduo e sociedade que marcava a teoria social de sua época. Basicamente, Elias problematizou perspectivas teóricas objetivistas e subjetivistas, apontando seus equívocos e insuficiências conceituais e metodológicas. Nessa empreitada, o referido autor se valeu, em termos metafóricos, da noção de rede visando explicitar sua compreensão relacional acerca do nexó indivíduo-sociedade. Em sua perspectiva, a sociedade pode ser vista como uma extensa rede social, fruto de complexas relações de interdependência que conectam os indivíduos entre si. Tal utilização da noção de rede se mostrou extremamente profícua, pois possibilitou, a Elias, desconstruir algumas noções cristalizadas de sociedade e indivíduo, que tendiam a estabelecer uma dicotomia entre essas duas instâncias. Além disso, a noção de rede também o permitiu elevar a discussão sobre os processos sociais a outro patamar, escapando, por um lado, das perspectivas estáticas, incapazes de apreender a dinâmica das estruturas

---

(1) Suas origens o influenciaram a pensar os processos correlacionados de formação da sociedade alemã e constituição do *habitus* alemão, perpassando, nesse contexto, diversos temas, tais como civilização, nacionalismo, absolutismo, estratificação social e conflito de classes. Essas reflexões sobre a Alemanha tiveram o seu ponto alto com a publicação de *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX* (Elias, 1997).

(2) Para saber mais sobre a biografia de Norbert Elias, há um interessante trabalho, amparado na autopercepção desse pensador acerca de sua trajetória, publicado sob o título *Norbert Elias por ele mesmo* (Elias, 2001b).

sociais, e, por outro, das compreensões teleológicas que veem os processos sociais conduzidos por algum princípio evolutivo que os guiam a fins determinados.

Outro aspeto relevante dos estudos eliasianos está no fato de que os construtos conceituais e metodológicos aí presentes propiciam um modelo geral de análise capaz de abarcar processos de longa e longuíssima duração. Isso possibilitou a Elias o desenvolvimento de sua perspectiva processual acerca dos fenómenos sociais, sendo suas análises sociogenéticas e psicogenéticas sobre o processo civilizador ótimos exemplares nesse sentido (Waizbord, 1999a).

As provocações e contribuições de Elias impactaram e continuam impactando, amplamente, o pensamento social contemporâneo. Devido a sua abordagem interdisciplinar dos fenómenos sociais, é possível se perceber suas influências não apenas na Sociologia, como também na Antropologia, na Psicologia e na História, uma vez que, como nos lembra Pontes (1999, p. 20), «os temas propostos, as fontes utilizadas e os objetos analisados por Elias não só permitem como também exigem essa empreitada interdisciplinar».

Este capítulo se propõe a, justamente, apresentar algumas contribuições teóricas de Norbert Elias – embora não pretendendo ser uma exegese –, sobretudo no que diz respeito à sua perspectiva reticular das relações sociais, a qual, como teremos oportunidade de expor, é extremamente profícua para pensar, inclusive, as relações sociais que se estabelecem em ambiente *on-line*. Demonstraremos como a sua teoria da figuração (ou configuração)<sup>1</sup> e alguns de seus estudos empíricos trazem elementos que ampliaram – e continuam ampliando – os horizontes da pesquisa social para pensar as relações humanas. Nesse sentido, o presente texto se caracteriza como um trabalho predominantemente teórico, apoiado em revisão bibliográfica centrada, sobretudo, nos próprios trabalhos de Elias, especialmente nas seguintes obras: *O processo civilizador vol. 1: uma história dos costumes* (2011 [1939]); *O processo civilizador vol. 2: formação do Estado e civilização* (1993 [1939]); *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (2000 [1965]); *Introdução à Sociologia* (2015 [1970]); *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte* (2001a [1983]); *A sociedade dos indivíduos* (1994a [1987]); e *Mozart: sociologia de um génio* (1995 [1991]).

(1) Segundo Landini (2005, p. 5), «há grande discussão nos grupos de sociólogos adeptos da sociologia de Norbert Elias a respeito do uso do termo configuração ou figuração. Essa questão não advém de problemas de tradução do alemão para o inglês; o próprio autor, cuja obra foi escrita em sua maior parte em inglês, utilizou ambos os termos. Em grande parte de sua obra, utiliza 'configuração', palavra escolhida com o principal objetivo de fazer face ao termo parsoniano 'sistema'. Apenas mais tarde em sua carreira é que passou a questionar a palavra em si, não seu significado. O ponto que incomodava Elias é que, no latim, o prefixo *con* significa exatamente 'com', ou seja, se figuração (*figuratton*) quer dizer padrão (em inglês, *pattern*), configuração (*configuration*) quereria dizer *com padrão* (*with pattern*). Entretanto, como o objetivo do autor era entender o padrão em si, o prefixo *con* passou a ser visto como redundante e ele passou a preferir o uso de *figuração*».

Há muitos elementos conceituais e metodológicos da perspectiva eliasiana que ainda devem ser explorados no sentido de ampliar suas possibilidades de aplicação tendo em vista a necessidade de compreensão das diversas redes de relações sociais que constituem a sociedade contemporânea. Enfatizamos isso porque acreditamos que os estudos de Elias possam ser bastante profícuos no entendimento das novas figurações e dinâmicas sociais propiciadas pelas novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), referimo-nos aqui às redes sociais que se desenvolveram após a popularização da *Internet*. É isso que buscaremos evidenciar ao longo deste trabalho.

Visando alcançar este intento, o presente capítulo se estrutura em três partes, além da presente introdução e das considerações finais. Na primeira, apresentamos um esboço geral da sociologia de Norbert Elias. Na segunda secção, apresentamos os principais conceitos de sua perspectiva sociológica que dão sustentação a sua compreensão reticular acerca da realidade social. Por fim, na terceira parte, apresentamos, de modo mais específico, algumas aplicações de conceitos e noções eliasianos que contribuem para a compreensão das redes sociais *on-line*, tais como processo, figuração, indivíduo, interdependência e poder.

## A sociologia de Norbert Elias como destruidora de mitos

Norbert Elias marcou a sociologia contemporânea, principalmente, por suas contribuições teóricas. Tendo em vista sua vasta obra, podemos dizer que ele foi um desconstrutor das perspectivas que vigoravam em sua época, especificamente no que diz respeito à oposição estabelecida por elas entre as noções de indivíduo e sociedade. A reelaboração conceitual dessas noções e suas aplicações empíricas, realizadas por ele, constituíram-se em um acabouço teórico, metodológico e analítico de significativo impacto no pensamento social, mostrando-se extremamente proveitoso nos estudos das redes sociais.

Uma das principais preocupações presentes no pensamento eliasiano estava em construir uma abordagem sociológica que pudesse superar os reducionismos associados às perspectivas atomista/individualista e holista/coletivista, cujo corolário era o estabelecimento de uma dicotomia entre indivíduo e sociedade. Segundo Elias (1994a, p. 16), «ninguém duvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos», porém os modos como, normalmente, são compreendidas a natureza e as articulações entre essas duas instâncias tendem a lhes colocar em uma condição de oposição. Vejamos, nas palavras do próprio autor, como ele explica, sinteticamente, essa problemática:

«Dispomos dos conhecidos conceitos de “indivíduo” e “sociedade”, o primeiro dos quais se refere ao ser humano singular como se fora uma entidade exis-

tindo em completo isolamento, enquanto o segundo costuma oscilar entre duas ideias opostas, mas igualmente enganosas. A sociedade é entendida, quer como mera acumulação, coletânea somatória e desestruturada de muitas pessoas individuais, quer como objeto que existe para além dos indivíduos e não é passível de maior explicação» (Elias, 1994a, p. 7).

Para Elias, era fundamental libertar o pensamento social da compulsão a abordar indivíduo e sociedade como instâncias opostas, como se tratasse-se de duas entidades ontologicamente independentes. Para isso, não bastaria apenas criticar teórica e metodologicamente as perspectivas que sustentavam a tal oposição, mas também elaborar um novo modelo de análise capaz de evidenciar as relações entre aquelas instâncias. Assim, a teoria eliasiana se elevou e se desenvolveu a partir dessas inquietações, sendo marcada por um caráter crítico e pela construção de um aparato conceitual que se colocou como um contraponto à sociologia predominante à época, cujas deficiências limitavam o desenvolvimento de uma compreensão mais realística da sociedade.

Em linhas gerais, há nos esforços de Elias a proposta epistemológica de uma Sociologia que se opõe: *i*) ao egocentrismo que permeia as análises do mundo social; *ii*) às transposições apressadas dos conceitos e das metodologias das Ciências Físicas às Ciências Humanas; *iii*) à reificação de conceitos; *iv*) ao aspeto estático de muitas construções conceituais; *v*) ao excesso de especializações científicas que descolam as partes do todo; *vi*) à redução estatística que atribui à sociedade as características observadas em suas partes componentes, vistas individualmente; e, *vii*) à dicotomia holismo *versus* atomismo. Todos os esforços de Elias em problematizar esses aspetos que caracterizavam as teorias sociais de sua época foram fundamentais na construção de sua perspectiva figuracional, que, ao focar na estrutura reticular formada pelas relações de interdependência estabelecidas entre os indivíduos, foi capaz de propiciar uma nova compreensão acerca das dinâmicas, processos e fenômenos sociais.

A construção da teoria eliasiana teve como ponto de partida autores clássicos e contemporâneos da Sociologia (Comte, Spencer, Durkheim, Marx, Weber, Parsons, Merton para ficarmos em alguns nomes), os quais foram referenciados, ora pelo que poderiam contribuir para sua sociologia, ora para criticá-los no que diz respeito ao aspetos de suas teorias que ele julgava serem prejudiciais ao avanço da pesquisa sociológica. Essa discussão teórica ficou mais patente na obra *Introdução à Sociologia*, que Elias publicou em 1970. Ele destinou uma das partes desse trabalho à apresentação da Sociologia como uma ciência destruidora de mitos, não se limitando a apenas problematizar o senso comum, com seus modelos mágico-míticos, mas também, principalmente, tecer sua crítica aos problemas existentes no interior das Ciências Sociais, advindos das recorrentes transposições de métodos e conceitos do campo das Ciências Naturais, sobretudo da Física e da Biologia, às análises sociológicas – procedimento esse que marcou os primeiros trabalhos no campo da Sociologia.

Sob o entendimento de Elias (2015), havia uma prejudicial tendência, no pensamento social de sua época, a encarar a sociedade a partir da imagem de um «ego particular», rodeado de estruturas sociais, as quais se constituíam como forças coercivas que têm um caráter objetivo acima e para além dos indivíduos. Essa compreensão estava presente, justamente, nas correntes estruturalista, organicista e funcionalista que vinham predominando até então. A partir de uma acurada crítica a essas perspectivas, o pensamento eliasiano aponta que a sociedade não deve ser entendida como uma entidade que está em cima e acima dos indivíduos, mas como o produto das relações de interdependência por esses formada. Para Elias,

«Ela [a sociedade] só existe porque existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independente, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular» (Elias, 1994a, p. 13).

Elias também destaca que as transposições de conceitos e metodologias das ciências físicas e biológicas para as ciências sociais limitavam a compreensão dos fenômenos sociais porque impediam que se alcançasse as relações que constituem a vida em sociedade. Como destacou,

«De acordo com essa tradição [clássica das ciências físicas e biológicas], o modo correto de investigar uma unidade compósita será dissecá-la nos seus componentes, depois estudar isoladamente as propriedades das partes componentes e, finalmente, explicar as propriedades distintivas dessa unidade compósita em termos dos componentes. Assim, as propriedades das moléculas podem ser explicadas em termos das propriedades dos átomos e estes, por seu lado, em termos das suas partículas componentes» (Elias, 2015, p. 78).

A transposição dessa metodologia de investigação, própria das ciências físicas e biológicas, para as ciências sociais tendia a induzir os teóricos sociais a observar as partes sem a compressão do todo, ou, inversamente, a examinar o todo sem voltar-se as partes que o constitui. Para as análises sociais, Elias (2015, p. 78) defende que «torna-se necessário não só explorar uma unidade compósita em termos das suas partes componentes, como também explorar o modo como esses componentes individuais se ligam uns aos outros, de modo a formarem uma unidade».

Além disso, Elias denunciou também o fato de que muitos substantivos usados nas Ciências Sociais transmitem a falsa ideia de que estaríamos nos referindo «a coisas materiais, a objetos visíveis e tangíveis no tempo e no espaço, existindo independente das pessoas» (Elias, 2015, p. 21). O conceito de estrutura, segundo ele, muitas vezes carrega aspeto reificado que impossibilita a compreensão das teias humanas, das figurações sociais. Nesse sentido, expressões como «o capitalismo produz desigualdades sociais» ao invés de esclarecer, despersonaliza o processo social, impedindo a compreensão das complexas relações entre indivíduos e suas ações que originam tais desigualdades.

«[...] geralmente esquecemos que é possível designar essas estruturas sociais de “minha”, “dele”, “nossas”, “vossas”, “deles”. Em vez disso, referimo-nos habitualmente a essas estruturas como se elas existissem não só acima e para além de nós mesmos, mas também acima e para além de qualquer pessoa. Neste tipo de pensamento, parece evidente que o “eu” ou “os indivíduos particulares” estão de um lado, havendo do outro a estrutura social, o “meio ambiente” que me rodeia, a mim e aos outros “eus”» (Elias, 2015, p. 16).

Dessa forma, «estrutura», «organismo» e «função» são exemplos de conceitos criticados por Elias, tendo em vista a limitação que eles geravam para as reflexões sociológicas, impedindo que essas dessem conta de pensar a complexidade do tecido social. Suas críticas não se prestavam apenas a destacar as imprecisões desses conceitos, mas também se apresentavam, em última instância, como uma proposta de rompimento com algumas formas de pensar o mundo social. Nesse sentido, Elias (2015, p. 18) indicava que, «em vez de palavras e de conceitos marcados pela sua origem mágico-mítica ou vindos das ciências naturais, a sociologia deverá produzir gradualmente outros conceitos, que sejam mais adequados às particularidades das representações sociais do homem». Contudo, reconhecia a dificuldade em reorganizar e modificar as estruturas de pensamento, assim como não tinha certeza se seria, naquele momento, ensinar e investigar sem esse vocabulário impreciso e/ou marcado pela origem mágico-mítica. Elias estava consciente de que certas transformações sociais só ocorrem quando há um desenvolvimento que abarca várias gerações, o que vale também para paradigmas e epistemologias consolidadas. Vejamos, nesse sentido, as lúcidas palavras de Elias sobre tal problema:

«Por mais dolorosamente conscientes que estejamos da sua insuficiência [do vocabulário e da estrutura conceitual em questão], ainda nos é impossível utilizar meios de pensamento e de comunicação mais adequados. Podíamos consequentemente tentar libertar de modelos heterónomos de discurso e de pensamento o *stock* usual de conhecimentos e de linguagem, agora utilizados para alargar a nossa compreensão das teias humanas e das configurações sociais. Podíamos procurar substituí-los por modelos mais autónomos. No entanto, qualquer tentativa deste tipo estaria votada à falência. Certas transformações sociais só se podem efetuar – se é que se podem mesmo efetuar – quando houver um desenvolvimento que abarque várias gerações. Esta reorientação do discurso e do pensamento é uma delas. Necessita de uma grande inovação linguística e conceitual. Feita de um modo apressado, poderia fazer perigar as suas possibilidades atuais de compreensão. [...] [Isso porque] Torna-se necessária uma reorganização da percepção e do pensamento de todas as muitas pessoas interdependentes numa sociedade» (Elias, 2015, p. 21).

O problema da pesquisa social, para Elias, não se limitava à transposição de conceitos das Ciências Físicas e Biológicas para as Ciências Sociais, mas residia também em sua compreensão estática da realidade social, a qual precisaria evoluir para melhor explicar os processos sociais. Nesse ponto, o pensamento

eliasiano se opõe, precisamente, ao fato de, muitas vezes, Parsons e outros teóricos contemporâneos reduzirem processos à condição de estados, mesmo quando se ocupavam explicitamente do tema da mudança social. Segundo Elias (2011, p. 215), apesar desses intelectuais não ignorarem a ideia de que as «estruturas» e as «funções» da «unidade social» ou de suas partes, as quais descrevem como estado, passam por mudanças, «os problemas assim colocados em pauta são reconciliados com o modo estático de pensamento ao serem encerrados em um capítulo especial, com o título “Mudança Social”, como se o fenómeno fosse suplementar aos problemas do sistema normalmente imutável». É por oposição a esse posicionamento, que o pensamento eliasiano se ergue afirmando a natureza processual, ou seja, em constante mutação, das figurações sociais. Para Elias, compreender os indivíduos e a sociedade, e a relação entre essas instâncias, demanda justamente o desvelamento dos processos sociais que as forjaram (Waizbord, 1999b).

Outra crítica, realizada por Elias (2015), à ciência social de sua época direcionava-se ao excesso de especializações científicas, as quais, segundo ele, descolam as partes do todo, colocando a Sociologia sob o risco de se fragmentar em sociologias cada vez mais especializadas, o que geraria, ao menos, dois problemas: *i*) tornaria o conhecimento inacessível aos não especialistas por conta das especificidades dos termos técnicos, teorias e métodos criados – sobre isso, Elias comentou ironicamente que, com a superespecialização das áreas, «a fortaleza estará completa e as pontes levadiças erguidas» (*Ibidem*, p. 53); e *ii*) o olhar especialista se voltaria às partes dos fenómenos sociais sem considerar devidamente o todo. Ainda que reconheça os «resultados prodigiosos» da divisão social do trabalho intelectual, Elias não deixou de se impressionar com as suas «desvantagens» e com a raridades de intelectuais que se preocupam com a totalidade dos fenómenos, mesmo que de uma só ciência, como fizeram seus antecessores mais antigos. Em oposição à superespecialização científica, Elias sempre defendeu uma abordagem multidisciplinar.

A redução estatística também foi outro aspeto criticado por Elias (2015) na produção sociológica até então predominante. Para esse intelectual, a forma como estudos estatísticos vinham sendo desenvolvidos no âmbito da Sociologia acabavam gerando uma representação das estruturas sociais bastante imprecisa e, por vezes, equivocada precisamente porque tendiam a reduzi-las às características comuns observadas no comportamento de muitos indivíduos vistos independentemente uns dos outros. Ou seja, a forma como a estatística era mobilizada para se alcançar um suposto «todo», desconsiderava efetivamente as formas de articulação entre seus elementos constituintes, conseqüentemente, não chegando a alcançar a estrutura da «unidade compósita».

Os esforços de Elias em superar as limitações das teorias sociais de sua época eram, em última instância, uma tentativa de romper com as perspectivas atomista/individualista e holista/coletivista que dominavam a Sociologia até então. Seu intento, ao trilhar por esse caminho, era propor um novo modelo teórico que pensasse as relações sociais como uma teia de complexas interdependências

criada pelas interações entre o «eu» e o «tu», entre o «nós» e o «eles», gerando fenómenos reticulares. Nesse sentido, qualquer ser humano está, ao longo de toda sua vida, sempre orientado em relação aos demais homens, em dependência deles, formando um tecido de interdependências (Elias, 2011).

Elias propôs substituir a visão de sociedade enquanto entidade que existe acima e para além dos indivíduos por outra mais realista, que considera os indivíduos orientados uns aos outros e unidos uns aos outros das mais variadas formas, formando uma rede de dependência recíproca. Dessa forma, decifrar os indivíduos demanda compreender como esses se relacionam com outros integrantes da sociedade. Embora as relações entre os indivíduos sejam elásticas, variáveis e transformáveis, isso não as torna menos fortes ou menos reais (Elias, 1994a). Para Waizbort (1999b, p. 92), no pensamento eliasiano, «não há “indivíduo”, mas apenas e precisamente “indivíduo” na sociedade; não há “sociedade”, mas apenas, e precisamente, “sociedade” no indivíduo. [...] Indivíduo “em si”, assim como sociedade “em si”, são mitos – que cabe justamente à sociologia, “caçadora de mitos” que é, derrubar».

As proposições eliasianas surgem como um contraponto à ideia de *homo clausus* («homem fechado em si mesmo» ou «personalidade fechada»), concepção marcada pela tendência de enxergar os indivíduos enquanto seres atomizados, completamente livres e autônomos em relação ao mundo social. Na introdução de 1968 à sua obra *O processo civilizador – vol. 1*, Elias afirmou que,

«A imagem do homem como “personalidade fechada” é substituída aqui pela de “personalidade aberta”, que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face a de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexos do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes» (Elias, 2011, p. 240).

Percebe-se nessa perspectiva reticular eliasiana a clara indicação de que existe uma mútua determinação entre os indivíduos, uma vez que, para Elias (1994a, p. 52), «é a autorregulação do indivíduo em relação aos outros que estabelece limites à autorregulação destes». Observando atentamente, poderemos perceber que é exatamente essa autorregulação que explica as determinações identitárias e as disputas entre os grupos estabelecidos e os forasteiros de um determinado povoado inglês estudado por Elias & Scotson na obra *Os estabelecidos e os outsiders* (2000).

Se os indivíduos estão ligados uns aos outros de forma interdependente, quais seriam as motivações para tal ligação? Para Elias (1994a), as motivações que levam os indivíduos a produzirem cadeias de interdependências são basicamente duas: *i)* necessidades biológicas dos seres humanos, uma vez que desde os primeiros dias de vida, os indivíduos precisam de seus cuidadores e provedores e;

ii) necessidades recíprocas socialmente geradas, tais como a divisão do trabalho amplamente explorado na teoria sociológica. Contudo, dentre essas duas possibilidades, ele destaca que grande parte das redes advém de necessidades socialmente produzidas. Em *A Sociedade de Corte* (2001a), Elias evidencia como o indivíduo é modelado por um conjunto de códigos sociais correspondente à rede de interdependências na qual está imerso (no caso, a corte francesa de Luiz XIV).

Com efeito, as «forças sociais são de fato forças exercidas pelas pessoas, sobre outras pessoas e sobre elas próprias» e se dão de forma processual (Elias, 2015, p. 17). Ao chamar a atenção para o caráter processual das redes de interdependência, Elias está justamente se contrapondo às perspectivas que compreendem os fenômenos sociais como algo estático, sem movimento, nem ação. Nesses termos, o pensamento eliasiano se constitui como uma sociologia processual, indicando que «a mudança é uma característica normal na sociedade» (Elias, 2011, p. 214). Por isso, em sua análise sobre os costumes e a formação do Estado Moderno no mundo ocidental, Elias focaliza não a civilização enquanto algo pronto e acabado, mas como um fenômeno processual. Em suma, «não se trata de civilização, mas de processo civilizador» (Costa, 2017, p. 42).

Desta forma, o social precisa ser entendido como um todo relacional. «O que o constitui [o social] é o conjunto das relações que se estabelecem, a cada momento, entre o conjunto dos elementos que o compõem. Tais relações são sempre relações em processo» (Waizbord, 1999b, p. 92). Ou seja, elas se constroem, se destroem, se reconstróem a todo o momento. Nesse sentido, percebe-se que Elias se contrapôs às teorias de sua época que ignoravam a História, tal como ocorria entre os interacionistas simbólicos. Foi em oposição aos conceitos que transmitem a ideia de imutabilidade que muitos dos conceitos fundamentais do pensamento eliasiano foram construídos, sobretudo a noção de figuração que prioriza a dimensão processual da vida social. Assim, por exemplo, buscando evidenciar o caráter histórico dos processos sociais, ele destacou: «o homem ocidental nem sempre se comportou da maneira que estamos acostumados a considerar como típica ou como sinal característico do homem “civilizado”» (Elias, 2011, p. 13). Por isso, para que possamos compreender suas atuais características sociais, devemos observar seu processo histórico de constituição.

Diante da constatação de que era fundamental pensar o social como um todo relacional, Elias evidenciou a necessidade de incorporar às análises do mundo social abordagens interdisciplinares que envolvessem diversas disciplinas afins, tais como a História, Psicologia, Economia, Filosofia, Teoria Literária e a Linguística. Foi um olhar interdisciplinar e não demasiadamente especializado que o permitiu perceber as interconexões das unidades compósitas, possibilitando que superasse as concepções atomista e holista acerca da vida social.

Em síntese, podemos inferir que a teoria eliasiana, no enquadramento das teorias gerais, é marcada: i) por um caráter relacional, visando ultrapassar a dicotomia entre indivíduo e sociedade; ii) pelo esforço interdisciplinar, que visa superar as fronteiras disciplinares arbitrárias; e iii) por uma perspectiva focada na

interdependência social, enquanto noção basilar que busca evidenciar as redes de interdependências formadas pelos indivíduos – aspeto que passamos a explorar com mais atenção a partir desse ponto.

## Figuração: a perspectiva reticular eliasiana

A forma de pensar e compreender a sociedade, proposta por Elias, orientou o olhar de muitos pesquisadores do campo das Ciências Sociais em direção às relações de interdependência que possibilitam a emergência das redes sociais – sejam elas de pequenas, médias ou grandes dimensões. Isso implicou no desenvolvimento de pesquisas similares, em termos teórico-metodológicos, às desenvolvidas por Elias, mas que, por vezes, deram um passo à frente em relação aos trabalhos desse intelectual ao buscarem apreender outras relações sociais que não foram tomadas por ele como objetos de análise, tais como aquelas que constituem as redes sociais *on-line*!

Desde já, é importante ressaltar que qualquer pesquisador que queira se apropriar da teoria eliasiana não pode se abster de utilizar direta ou indiretamente o fundamental conceito de figuração, pois é através dele que Elias dá sentido à realidade social (Costa, 2017). No pensamento eliasiano, esse conceito surge a partir da compreensão de que a sociedade se constitui por meio das diversas redes de interdependência, formadas pelos indivíduos no âmbito das variadas e variáveis relações que estabelecem entre si. Para definir e explicar o seu conceito de figuração, Elias se valeu de diversas metáforas<sup>2</sup>, dentre as quais encontra-se a seguinte:

«Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de interrelação [entre os indivíduos], podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto,

---

(1) Nos livros coletâneas *Norbert Elias: a política e a história* (Garrigou & Lacroix, 2001), *Sobre processos civilizadores: diálogos com Norbert Elias* (Sarat & Santos, 2012), *Leituras de Norbert Elias: processo civilizador, educação e fronteiras* (Gebara, Costa & Sarat, 2014) e *Norbert Elias and empirical research* (Landini & Dépelteau, 2014), podemos encontrar alguns trabalhos, provenientes de diversas áreas – Sociologia, Ciência Política, História, Educação, Antropologia e Psicologia – que tomaram a perspectiva eliasiana como eixo teórico-metodológico norteador ou, ao menos, se apropriaram de alguns de seus conceitos em análises que focaram objetos inexplorados por Elias, o que nos revela o quão profícuas são as ideias desse intelectual. No campo das análises comunicacionais, vale ainda mencionar o trabalho *Por uma perspectiva relacional da comunicação: um olhar sobre o nexa indivíduo-telenovela* (Pires, 2014) que se propõe, a partir da noção eliasiana de figuração, desenvolver um modelo comunicacional capaz de superar a dicotomia *media*-indivíduo que marca os paradigmas de análise da comunicação de massa.

(2) Outras metáforas também utilizadas por Elias para apresentar seu conceito de figuração foram «a dança de salão» e «o jogo», as quais encontram-se, respetivamente, nas obras *O processo civilizador vol. 1: uma história dos costumes* (2011) e *Introdução à Sociologia* (2015). Essa última metáfora será exposta mais adiante.

nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto essa rede nada é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior do todo, cada fio continua a constituir uma unidade em si; tem uma posição e uma forma singulares dentro dele» (Elias, 1994a, p. 35).

A partir dessa metáfora, Elias buscou explicar que, assim como a rede de tecido decorre do entrelaçamento específico de diversos fios, as redes sociais também resultam dos elos estabelecidos entre os indivíduos. E, do mesmo modo que a rede de tecido e a forma de seus fios devem ser compreendidos pelo modo como esses estão interligados, tanto as redes sociais quanto os indivíduos que a compõem só podem ser plenamente conhecidos se atentarmos para a forma como esses se conetam, ou seja, para as relações de interdependência estabelecidas entre eles. Basicamente, Elias nos diz que essas relações podem ser de natureza biológica ou social, sendo essas últimas provenientes das necessidades oriundas da vida coletiva. Em termos empíricos, ele nos fornece alguns exemplos que possibilitam uma melhor visualização dessas relações. Diz-nos Elias (1994a, p. 31), sobre a constituição de uma dependência biológica entre um recém-nascido e seus progenitores, que «os pais são necessários para trazer um filho ao mundo», especificamente «a mãe nutre o filho, primeiro com seu sangue e depois com o alimento vindo de seu corpo». Assim, encarando-se os fatos por essa ótica, «o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros». Já sobre as relações de dependência social, o referido autor aponta que, devido aos processos de socialização, «[cada pessoa] está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependente de outrem e tornaram outros dependentes dela» (*Ibidem*, p. 22).

Assim, encontramos em Elias uma sociologia relacional, na qual os indivíduos são sempre vistos a partir de suas inter-relações, por meio das quais eles se constituem e que culminam no desenvolvimento das estruturas sociais. Como destacaram Areias & Marques (2012, p. 14), «uma constante do pensamento do autor é a convicção de que “o homem é obra do próprio homem” e a rede de interdependências é o que os liga, formando elas o nexos do que ele designa por configurações, isto é, o conjunto de pessoas mutuamente dependentes».

Na teoria figuracional eliasiana, não se pensa a sociedade como se fosse dotada de contornos nítidos e fixos. Para Elias (1994a, p. 20), as sociedades, «consideradas como totalidades, são sempre mais ou menos incompletas: de onde quer que sejam vistas, continuam em aberto na esfera temporal em direção ao passado e ao futuro». Isso significa que, na verdade, elas se encontram em

«um fluxo contínuo, uma mudança mais rápida ou mais lenta das formas vivas». Dessa maneira, ressalta o autor, «só com grande dificuldade o olhar consegue discernir um ponto fixo».

Como é possível perceber, as sociedades não são entendidas por Elias como estruturas estáticas, mas sim como figurações em contínuo processo de constituição e transformação. Ele entende os processos de mudança como consequência das modificações ocorridas nas cadeias de interdependência social. Ao utilizar a imagem de uma situação hipotética na qual um indivíduo perde um ente querido, Elias nos ajuda a alcançar, a partir de sua análise das alterações nesse tipo de ligação afetiva, o modo como ele compreende os processos de mudança que atravessam uma figuração social:

«Quando alguém que amamos morre [...] A morte desta significa que o sobrevivente perdeu uma parte de si mesmo. Na configuração das suas valências [leia-se ligações] de afeição ou de independência, uma dessas valências fixara-se na outra pessoa. Agora essa pessoa morreu. Foi destruída uma parte integrante do seu eu, a sua imagem de “eu e nós”.

A valência que se afeioara a outro foi destruída. Como resultado, houve uma alteração da configuração particular de todas as valências do sobrevivente e mudou-se o equilíbrio de toda a teia de relações pessoais. A sua relação com uma outra pessoa, que anteriormente apenas ocupara um lugar marginal na configuração das suas valências, pode tornar-se muito mais cordial. Pode haver um certo arrefecimento nas suas relações com os outros, que desempenhavam uma função especial na sua relação com a pessoa que morreu, talvez porque atuassem como catalisadores ou como espetadores benevolentes. Assim, é verdadeira a afirmação de que quando morre alguém que muito amamos, toda a configuração das valências do sobrevivente e todo o equilíbrio da sua teia de relações se altera» (Elias, 2015, p. 149).

Pelo exemplo dado, podemos apreender que o pensamento eliasiano não entende os processos de mudança social como estando limitados apenas às mudanças de caráter macroestrutural. Elias, em suas diversas obras empíricas, demonstrou uma especial atenção àquelas pequenas mudanças que ocorrem em nível microsociológico, mas sem descurar daquelas que impactam toda estrutura social. Dito isso, vale destacar uma ligeira, mas profícua, classificação, realizada por Elias (2011, p. 208), dos tipos de mudança que incorrem na vida social: *i*) as mudanças estruturais «que tendem para maior diferenciação e integração»; *ii*) as mudanças estruturais «que tendem para menos [diferenciação e integração]»; *iii*) as mudanças estruturais «sem haver tendência de aumento ou diminuição no nível de diferenciação e integração»; e *iv*) as incontáveis mudanças na sociedade «que não implicam mudança em sua estrutura». Sobre a importância dessa classificação para a pesquisa sociológica, aquele intelectual ressalta:

«Um conceito de mudança social que não estabeleça uma clara distinção entre as mudanças que se relacionam com a estrutura da sociedade e as que não – e, além do mais, entre mudanças estruturais sem uma direção específica e as que seguem um rumo particular ao longo de várias gerações como, por exemplo, para a maior ou menor complexidade – é um instrumento muito imperfeito de pesquisa sociológica» (Elias, 2011, p. 210).

Das análises eliasianas acerca dos processos de mudança social, podemos dizer que a mais emblemática esteja justamente em seu estudo sobre o processo civilizador. Nessa obra, Elias analisa, por um lado, as mudanças de longo prazo nas emoções e estruturas de controlo dos indivíduos e, por outro, as mudanças de longo prazo nas estruturas da sociedade que impulsionaram os processos de formação dos Estados nacionais e que estão correlacionadas àquelas mudanças na estrutura da personalidade dos indivíduos.

Interessante observar, nessas análises, que as estruturas, no contexto do pensamento eliasiano, se materializam de duas formas, a saber, enquanto estruturas sociais e estruturas de personalidade, as quais estão necessariamente correlacionadas. Trata-se de um esforço de Elias por superar a já mencionada dicotomia entre indivíduo e sociedade, presente nas teorias sociológicas predominantes na sua época. Em suas palavras,

«Este ajuda a solucionar o renitente problema da ligação entre estruturas psicológicas individuais (as assim chamadas estruturas de personalidade) e as formas criadas por grandes números de indivíduos interdependentes (as estruturas sociais). E o faz porque aborda ambos os tipos de estruturas não como fixos, como em geral acontece, mas como mutáveis, como aspetos interdependentes do mesmo desenvolvimento de longo prazo» (Elias, 2011, p. 210).

Notemos, nessa citação, que Elias deixa evidente que o devir das estruturas de personalidade e das estruturas sociais apresentam uma cumplicidade ontológica. Por isso, como nos lembra Pontes (1999, p. 24), «em seus diversos trabalhos, Elias mostra, de maneira irrefutável e intelectualmente desafiante, a existência de uma conexão forte entre alterações na estrutura social e as mudanças no comportamento e nas emoções dos indivíduos». A esses dois processos, Elias chamou, respetivamente, de sociogénese e psicogénese. Vale ressaltar que a relação entre tais processos não pode ser descrita em termos de determinação de um sobre o outro, como se fosse uma sequência causal, pois se trata de uma relação de correspondência – «a transformação em uma dimensão “corresponde” uma transformação na outra» (Waizbort, 1999b, p. 3)

Outro estudo de Elias que bem demonstra essa correspondência entre estruturas de personalidade e estruturas sociais é a obra *Mozart: sociologia de um génio* (1995), texto que produz uma reviravolta nos estudos biográficos na medida em que desconstrói a noção individualista de genialidade ao resgatar os processos sociais de construção da individualidade, em outras palavras, ele arti-

cula a história de vida de Mozart ao seu contexto socio-histórico. Como bem sintetiza Alves, [Ao analisar a genialidade desse músico,]

«Elias não recorre à convencional narrativa biográfica laudatória, comum entre os biógrafos que se ocupam de talentos extraordinário, como Mozart, tampouco lança mão de categorias psicológicas para tipificar o sofrimento, os dissabores e angústias de Mozart. O amálgama *psicogênese/sociogênese* é mobilizado para compreender a formação da *estrutura social de personalidade (habitus)* de um indivíduo em particular, que também pode ser definido como o saber social incorporado e externalizado. O resultado é a objetivação meticulosa do *processo-Mozart*, desde a sua mais tenra idade até a morte prematura, aos 35 anos» (Alves, 2018, p. 175).

Um último ponto fundamental da teoria figuracional eliasiana que precisa ser mencionado se refere às relações de poder. Esse tema está presente sempre que Elias se refere à condição de interdependência que marca as relações estabelecidas entre os indivíduos. Isso porque tal condição pressupõe a existência de uma coação mútua entre os indivíduos, ou seja, se um depende do outro, então necessariamente um exerce poder sobre o outro, ainda que em proporções desiguais. Nesse sentido, o pensamento eliasiano se distancia de compreensões reificantes do poder, que o encaram ora como algo que um indivíduo possui e outro não ora como uma entidade sobre-humana na qual o poder reside. Contrariamente a essas percepções, Elias (2015, p. 81) nos diz que o poder «é uma característica estrutural das relações humanas – de *todas* as relações humanas». Ou seja, não há relação entre indivíduos que não seja marcada pelo poder, pela força invisível, mas nem por isso menos perceptível, que um exerce sobre o outro, podendo esse exercício do poder se dar de modo desigual, sendo essa possível desigualdade explicada, por Elias, da seguinte forma:

«Dependemos dos outros; os outros dependem de nós. Na medida em que somos mais dependentes dos outros do que eles são de nós, em que somos mais dirigidos pelos outros do que eles são por nós, estes têm poder sobre nós, quer nos tenhamos tornado dependentes deles pela utilização que fizemos da força bruta ou pela necessidade que tínhamos de ser amados, pela necessidade de dinheiro, de cura, de estatuto, de uma carreira ou simplesmente de estímulo» (Elias, 2015, p. 101).

Com isso, sendo o poder originário das variadas relações de interdependência que indivíduos estabelecem entre si, ele assume também variadas formas. É a isso que Elias se refere quanto aponta para a «natureza polimorfa» das origens do poder, o que faz com que ele possa se materializar sob, por exemplo, as formas econômica, política e cultural (Elias, 1994b).

Sendo uma característica estrutural das relações humanas, o poder só estará presente se houver, pelo menos, uma relação social bipolar. Por isso, Elias fala sobre a existência de um equilíbrio de poder entre os indivíduos interconetados. Aqui é importante que não se confunda «equilíbrio de poder» com «igualdade de

poder». Aquela noção, segundo a ótica eliasiana, remete a «força relativa» dos indivíduos, ou seja, a força de um varia conforme a força do outro. Por isso, nas palavras de Elias (2015, p. 81), «sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas».

Outra ideia cara à sociologia eliasiana é a de «conflito», uma vez que seu uso desvela as relações de poder existente nas figurações e evidencia sua preocupação com as tensões e com o poder que se estabelecem intergrupos e intragrupos. Segundo Waizbort (1999b, p. 110), Elias atribui às diferenças entre os indivíduos a razão para a existência do conflito entre eles: «para ele [Elias], sendo os seres humanos naturalmente diferentes entre si, eles necessariamente se relacionam uns com os outros de modo conflituoso». Dessa forma, vê-se confirmar, através de tal percepção, a importância que Elias atribui ao conflito na definição das relações sociais, uma vez que, para ele, trata-se de um aspeto inerente à condição de interdependência social.

Dentre suas obras, «Os Estabelecidos e os *Outsiders*» (2000) é o trabalho de Elias, feito em coautoria com Scotson, que melhor operacionaliza, em termos empíricos, sua noção de poder. Nesse trabalho, os referidos autores buscam compreender quais as condições que sustentam as múltiplas tensões e conflitos entre, de um lado, os habitantes estabelecidos e, de outro, os forasteiros que convivem em um povoado inglês. Analisando as relações de interdependência nesse povoado, Elias & Scotson chegaram às seguintes conclusões:

«Andando pelas ruas das duas partes de Winston Parva, o visitante ocasional talvez se surpreendesse ao saber que os habitantes de uma delas julgavam-se imensamente superiores aos da outra.

[...]

Sendo assim, que é que induzia as pessoas que formavam o primeiro desses dois grupos a se colocarem como uma ordem melhor e superior de seres humanos? Que recursos de poder lhes permitiam afirmar sua superioridade e lançar um estigma sobre os outros, como pessoas de estirpe inferior?

[...]

Em Winston Parva, [...] todo o arsenal de superioridade grupal e desprezo grupal era mobilizado entre dois grupos que só diferiam no tocante a seu tempo de residência no lugar. Ali, podia-se ver que a «antiguidade» da associação, com tudo o que ela implicava, conseguia, por si só, criar o grau de coesão grupal, a identificação coletiva e as normas comuns capazes de induzir à euforia gratificante que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior, com o desprezo complementar por outros grupos.

Ao mesmo tempo, ali se podiam ver as limitações de qualquer teoria que explique os diferenciais de poder tão-somente em termos da posse monopolista de objetos não humanos, tais como armas ou meios de produção, e que desconsidera os aspetos figuracionais dos diferenciais de poder que se devem

puramente a diferenças no grau de organização dos seres humanos implicados» (Elias & Scotson, 2000, p. 21).

Vistas dessa forma, é possível se perceber que as figurações sociais são tecidas pelos mais variados tipos de relações de interdependência que revelam os modos como os indivíduos exercem poder uns sobre os outros. Em síntese, para Elias (2015) uma das principais preocupações da Sociologia consiste em tornar estas teias mais transparentes, inteligíveis, desvelando as relações que as sustentam e o equilíbrio de poder aí presente, o que possibilitaria impedir que arrastem consigo, de um modo cego e arbitrário, os seus membros. Por isso, suas contribuições teóricas focaram em aspetos que nos ajudam a tomar as redes sociais como objeto de análise, alertando-nos para o fato de que estamos diante de algo marcado pela opacidade e, portanto, de difícil compreensão. Sobre a importância de um arsenal teórico como esse para a pesquisa social, o próprio Elias nos dá uma dimensão:

«Em certos aspetos, as teorias assemelham-se a mapas. [...] Por outras palavras, uma teoria dá ao homem que se encontra no sopé da montanha, a visão que um pássaro tem dos caminhos e relações que esse homem não consegue ver por si próprio. A descoberta de relações previamente desconhecidas constitui uma tarefa central da investigação científica. Tal como os mapas, os modelos teóricos mostram as conexões entre acontecimentos que já conhecemos. Como os mapas de regiões desconhecidas, mostram espaços em branco onde ainda não se conhecem as relações» (Elias, 2015, p. 175).

É nesse sentido que acreditamos ser a teoria eliasiana um mapa promissor para os estudos das «configurações de seres humanos interdependentes», inclusive àquelas mediadas pelas novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Se as relações estabelecidas entre os indivíduos, de fato, propiciam o surgimento de redes sociais, sua apreensão só será possível se nos munirmos de um instrumental teórico-metodológico capaz de nos evidenciar essa estrutura reticular.

Sob esse enfoque é que iremos buscar demonstrar, na secção seguinte, as possibilidades de pensar com Elias as redes sociais em tempos de popularização da *Internet*.

## **A *Internet*: a rede das redes à luz da perspectiva figuracional eliasiana**

Observando o desenvolvimento técnico, em 1986, Elias (2016) destacava que a humanidade havia se tornado mais do que nunca uma unidade graças as revoluções tecnológicas ocorridas nos séculos XIX e XX. Ainda que Elias não tenha contemplado os avanços e a popularização dos novos media sociais, que vem marcando o século XXI, a forma como ele mobilizou seu aparato conceitual na

compreensão do impacto das tecnologias de sua época no que diz respeito aos processos de integração social é um dos indícios do quão profícuas podem ser suas contribuições teóricas ainda que para compreender as novas figurações advindas das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)

Dito isso, seguindo o caminho das análises eliasianas sobre os desenvolvimentos tecnológicos, podemos indicar que a *internet*, estruturalmente concebida enquanto uma rede, é fruto de um longo processo não-planejado de integração social de amplas proporções, impulsionado, num primeiro momento, pelo desenvolvimento dos transportes e, num segundo momento, pelos meios de comunicação de massa. Assim, das diligências, passando pelas viagens marítimas até o desenvolvimento dos automóveis e aviões; do jornal impresso, seguido dos *media* audiovisuais, notadamente o rádio e a televisão, até a emergência da rede mundial de computadores, o que se constata é a gradativa aproximação dos indivíduos em todo o globo, a ampliação quantitativa (número de indivíduos interconectados) e qualitativa (diversidade de formas de interconexão) das relações de interdependência.

Desde já vale alertar que, seguindo a lógica do pensamento eliasiano, não é adequado se analisar o fenómeno Internet, como normalmente vem sendo feito, utilizando-se de dados estatísticos centrados na frequência e no comportamento de seus elementos constituintes vistos independentemente uns dos outros, pois isso pode conduzir a uma imagem imprecisa, ou mesmo equivocada, da sua estrutura reticular e da sua dinâmica interna. Inspirando-nos em Elias, podemos dizer que qualquer estudo estatístico sobre a Internet, enquanto rede social, deve necessariamente considerar a estrutura complexa dessa «unidade compósita», ou seja, as relações de interdependência entre seus elementos constituintes.

Além disso, importa considerar também que, distanciado dos determinismos tecnológicos, o pensamento eliasiano não toma a tecnologia como elemento essencial capaz de explicar uma figuração social, mesmo considerando seu significativo papel nesse contexto. Isso porque se uma dada técnica, por um lado, oferece possibilidades e impõe limites às práticas sociais, por outro, deve-se ter em mente que as condições sociais orientam desde o seu processo de concepção até os seus usos efetivos pelos indivíduos. Segundo Elias (2006, p. 42), «o mais relevante, do ponto de vista sociológico, é o facto de que a experimentação tecnológica normalmente anda lado a lado, desde muito cedo, com as experiências relacionadas à organização social».

Dessa forma, podemos compreender não apenas o desenvolvimento da *Internet* como também os seus usos. Então, vejamos: como nos informa Briggs & Burke (2006), a tecnologia que deu origem ao que hoje conhecemos como *Internet* se desenvolveu a partir das políticas de defesa do governo estadunidense, durante a década de 1960, no contexto da Guerra Fria, visando o compartilhamento de informações entre centros militares e de pesquisa. Nessa ocasião, não havia qualquer intenção de ampliar os usos dessa tecnologia para além do campo científico-militar. Somente no fim da década de 1970, com a populariza-

ção dos computadores pessoais e devido às diversas demandas mercadológicas que surgiram frente às potencialidades comerciais da *Internet*, essa tecnologia começou a se difundir junto a população, que passou a utilizá-la de diversas formas, visando suprir as necessidades postas pela vida social. Obviamente que esses variados usos foram pautando as transformações subseqüentes que a *Internet* foi sofrendo ao longo dos anos,<sup>1</sup> revelando outras novas potencialidades dessa tecnologia que implicaram, conseqüentemente, novos usos e assim sucessivamente.

Nesse contexto, ganha relevância o que Elias (1990; 1993; 2006) entende por «padrões sociais de autorregulação», estruturas sociais incorporadas pelos indivíduos na forma de disposições comportamentais (hábitos), que dão sentido e, conseqüentemente, orientam a conceção e as formas de apropriação de uma nova tecnologia. Ou seja, os sentidos inicialmente atribuídos à *Internet* estavam inteiramente condicionados aos padrões de pensamento, sentimento e ação definidos pela realidade social de seu surgimento. Novos sentidos só lhe foram conferidos gradativamente após a implementação dessa tecnologia, com as novas experiências que ela possibilitou. Por isso, Elias (2006, p. 61) ressalta que «o avanço da tecnização» e «o desenvolvimento do *habitus* humano» não seguem o mesmo ritmo.

Dito isso, torna-se evidente que, numa perspectiva eliasiana, para que possamos efetivamente compreender a emergência da *Internet* e suas implicações na vida social é de fundamental importância acedermos as estruturas sociais e seus respectivos padrões de autorregulação, cujas lógicas de funcionamento condicionam àqueles processos. A nosso ver, a teoria figuracional eliasiana oferece um arsenal conceitual capaz de esmiuçar as estruturas sociais que estão na base e que se desenvolvem a partir da *Internet* precisamente por centrar-se nas relações de interdependência que possibilitam a existência de uma rede social. Nesse sentido, já podemos adiantar, à luz do pensamento eliasiano, que a *Internet* se apresenta na forma de uma rede, pois, ao emergir enquanto espaço virtual de

---

(1) Hoje é comum o uso de uma determinada classificação da Web – definida enquanto «um vasto repositório de informações multimédia» (Chandler & Munday, 2011, p. 461) – que possibilita vislumbrar o processo de transformação nos usos da Internet. Fala-se, basicamente, da existência de três gerações da Web: *i*) Web 1.0 – trata-se de uma estrutura de *hyperlink* ainda bastante embrionária, marcada por páginas estáticas e comunicação unidirecional, cujos usos, por parte do usuário, ficavam normalmente restritos ao consumo de informações, sem possibilidades de modificá-las; *ii*) Web 2.0 – refere-se a uma etapa de evolução da rede que possibilita processos colaborativos de produção de conteúdos, ou seja, o usuário deixa de ser apenas consumidor e passa a também produzir conteúdo e disponibilizá-lo no formato que desejar (texto, imagem, som e vídeo) (Cormode & Krishnamurthy, 2008); *iii*) Web 3.0 – por vezes, denominada Web Semântica – se configura como um dos possíveis desdobramentos da Web em que as tecnologias, ao apreenderem os padrões de uso da rede por parte dos usuários, otimizariam suas experiências na Web, inclusive tornando mais eficiente o alcance das mensagens a ele direcionadas, sobretudo comerciais (Berners-Lee, T., Hendler, J. & Lassila, O, 2001).

interação – ciberespaço<sup>1</sup> –, segue a lógica estrutural reticular que é um aspeto ontológico da vida social. Mas ela não faz isso sem que, por sua vez, tendo em vista suas peculiaridades técnicas, imprima novas características no processo de tessitura social.

Segundo definição presente no *A Dictionary of Media and Communication*, a *Internet* pode ser conceituada como «uma vasta rede de computadores interconetados que atua como um sistema de distribuição mundial de informações digitais» (Chandler & Munday, 2011, p. 220). Ela tem sua origem numa necessidade social de ampliação, tanto em termos espaciais quanto temporais, das possibilidades de interconexão e intercâmbio entre os indivíduos. Dessa forma, ela não cria as redes sociais, mas sim as redesenha de acordo com as condições do espaço virtual, transformando-as. Algo similar nos diz Castells (2003, p. 7) quando enfatiza que «a formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganham vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela *Internet*». Não à toa que as dimensões que compõem a vida social são transpostas para o espaço virtual, ganhando novas matizes: «atividades económicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela *Internet* e em torno dela» (*Ibidem*, p. 8). Em termos eliasiano, isso significa dizer que os diversos tipos de relação de interdependência que estruturam as figurações sociais no espaço físico também estruturam as redes sociais virtuais. Consequentemente, para se compreender essas redes não podemos desconsiderar aquelas relações de interdependência.

Nesse sentido, apenas a título de exemplo, focaremos nas dinâmicas de alguns *media* digitais *on-line* de modo a evidenciar, mesmo que ligeiramente, as relações de interdependência que as definem e sustentam. Assim, partindo da categorização feita por McQuail (2013), analisaremos exemplares de cada um dos seguintes tipos de *media*: *media* para comunicação interpessoal (p. ex., *e-mail*), *media* de participação coletiva (p. ex. comunidades virtuais), *media* lúdicos interativos (p. ex. jogos *on-line*), *media* que substituem meios de transmissão tradicionais (p. ex. plataformas de compartilhamento de vídeo) e *media* para pesquisa de informações (p. ex. enciclopédias *on-line*).

De início, vejamos o caso do *e-mail*. Segundo definição presente no *A Dictionary of Media and Communication*, o *e-mail* é «um *software* aplicativo que permite que os usuários se comuniquem através de mensagens digitadas, enviadas de um computador para outro através da *Internet*». Ainda segundo o mesmo

(1) Para a noção de ciberespaço, Levy (2010, p. 17) nos oferece a seguinte definição: «O ciberespaço (que também chamarei de 'rede') é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo». Para mais informações sobre a noção de ciberespaço, ver as obras *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*, também de Lévy (1998), *Ontologia do Ciberespaço*, de Koepsell (2000), e *Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica*, de Musso (2006).

dicionário, trata-se de «uma forma de comunicação interpessoal, de grupo e de massa caracterizada por ser baseada em texto, instantânea e assíncrona» (Chandler & Munday, 2011, p. 121). Os usos do *e-mail* para comunicação interpessoal, de grupo ou massa são definidos justamente pelas relações de interdependência e pelos interesses aí envolvidos. Nesse sentido, o *e-mail* pode ser utilizado, por exemplo, para manutenção das relações afetivas de um casal de namorados cujas partes se encontram fisicamente distantes, para planejamento e organização de atividades profissionais entre alguns indivíduos que participam de uma mesma lista de *e-mails* (*mailing list*)<sup>1</sup> para a divulgação de informações e/ou promoção de produtos de uma determinada empresa comercial junto a um potencial público consumidor massivo, etc.

Interessante observar que, para cada uma dessas formas de apropriação do *e-mail*, verifica-se uma variação não apenas quanto ao número de indivíduos envolvidos e aos interesses que os articulam, mas também no que diz respeito aos padrões sociais que definem e, assim, orientam as condutas individuais. Isso pode ser constatado, de modo mais nítido, comparando-se, por exemplo, os padrões linguísticos normalmente utilizados nos seguintes casos indicados: interações de caráter afetivo normalmente empregam uma linguagem informal, marcada por termos e expressões que denotam a existência de uma relação íntima entre os envolvidos; nas interações profissionais, a linguagem é carregada de formalidades que garantem a impessoalidade das relações firmadas, além disso, vê-se a utilização frequentemente de termos e expressões que são próprias dos vocabulários profissionais; já nas comunicações massivas de caráter mercadológico, a linguagem, apesar de ser normalmente informal, haja vista a busca de uma maior aproximação em direção ao público consumidor, é impessoal, já que inexiste uma relação íntima entre empresa comercial e cada membro do público.

Ao direcionarmos nosso olhar para os *media* de participação coletiva, como, por exemplo, as comunidades virtuais, percebemos, de modo ainda mais evidente, a importância das relações de interdependência na figuração das redes sociais *on-line*. De acordo com a famosa definição proposta por Rheingold (2000, p. XX), as «comunidades virtuais são agregações sociais que emergem da rede [*Internet*] quando bastantes pessoas mantêm essas discussões públicas por bastante tempo, com sentimentos humanos suficientes, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço». Para complementar essa definição, vale ressaltar ainda algumas características das comunidades virtuais sintetizadas por McQuail (2013), a saber: a interação; o propósito em comum; o sentido de identidade e pertencimento; a existência de regras explícitas e/ou implícitas,

---

(1) «Quaisquer listas de *e-mail* usadas para fazer circular mensagens para vários destinatários nelas inscritos. Essas listas incluem: listas de anúncios ou boletim informativo, principalmente para comunicação unidirecional, e listas de discussão, geralmente orientadas a tópicos e monitoradas por um moderador. Mensagens anteriores podem ser disponibilizadas em arquivos *on-line*» (Chandler & Munday, 2011, p. 120).

cujo descumprimento pode resultar em exclusão ou rejeição do transgressor; processos ritualísticos e formas de expressão.

Pensando essa caracterização das comunidades virtuais à luz do pensamento eliasiano, podemos perceber que se tratam de figurações sociais específicas, constituídas a partir de certas relações de independência que se articulam necessariamente através de um mesmo eixo (necessidades e objetivos partilhados), do qual deriva um conjunto de padrões sociais que se apresentam tanto na forma objetiva (regulamentos, rituais, padrões linguísticos) quanto na forma subjetiva (hábitos que orientam as percepções, os sentimentos, os pensamentos e as ações dos indivíduos).

Quanto aos *media* lúdicos interativos, especificamente os jogos *multiplayer on-line* (*Massively Multiplayer On-line Game* – MMOG), torna-se crucial, para o entendimento de seu desenho e de sua dinâmica, atentar para as relações de interdependência que as possibilitam e são possibilitadas por elas. Isso implica, primeiramente, considerando o resgate que Elias & Dunning (1992) realizaram da noção aristotélica de *mimesis* na caracterização de certas atividades do lazer, encarar os jogos enquanto uma produção mimética, o que não significa dizer que se trate de representações de fatos da «vida real» – tal pode acontecer, ainda que não necessariamente –, mas refere-se principalmente ao fato de que «as emoções – os sentimentos desencadeados por elas – estão relacionadas com as que se experimentam em situações da “vida real” transpostas apenas e combinadas com uma “espécie de prazer”» (*Ibidem*, p. 125). Nesse sentido, se pudermos falar em termos funcionais, podemos dizer que os jogos permitem a satisfação da necessidade de se experimentar certas sensações em um ambiente seguro, sem riscos para o sujeito nem para a ordem social, situação de segurança essa difícil de ser alcançada na «vida real». Infere-se desse contexto, o fato de que, apesar de transpostas para o ambiente lúdico, as fantasias e sensações suscitadas pelo jogo são socialmente condicionadas. Elas são produtos de certos padrões de interdependência social.

Se a observação das relações de interdependência é importante para compreender as motivações que orientam a realização e, conseqüentemente, definem a natureza dos jogos, ela se torna ainda mais fundamental na apreensão das figurações sociais e das dinâmicas que se formam a partir desses produtos. Dessa forma, pensemos, especialmente, a partir dos jogos *multiplayers on-line*. Segundo Hall & Novak (2008, p. 4), tais jogos podem ser definidos como aqueles nos quais «um grande número de pessoas pode participar simultaneamente através de uma rede, interagir entre si (e geralmente interagir com o mundo do jogo), participar ou sair a qualquer momento, e esperar que tudo o que eles conseguiram permaneça enquanto estão *off-line*». Frente às perspectivas que tendem a atribuir ao indivíduo, inserido em redes *on-line* como essa, uma grande auto-

nomia em sua ação e, inclusive, na definição dos rumos de um jogo,<sup>1</sup> ou àquelas perspectivas que veem tais jogos como estruturas cuja dinâmica preexiste e conforma às ações dos jogadores?<sup>2</sup> Elias nos oferece uma imagem bem distinta da relação jogo-jogador:

«Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas ações são interdependentes. [...] [Nesse sentido] o decurso tomado pelo jogo será obviamente o resultado das ações de um grupo de indivíduos interdependentes. Mostramos que o decurso do jogo é relativamente autónomo de cada um dos jogadores individuais [...]. Mas este decurso não tem substância, não tem ser, não tem uma existência independente dos jogadores, como poderia ser sugerido pelo termo “jogo”» (Elias, 2015, pp. 141-142).

De facto, no âmbito dos jogos, caso observemos apenas superficialmente sua estrutura, constataremos sempre a existência de predefinições, notoriamente as regras do jogo, que oferecem alguns limites às ações dos jogadores. Isso nos leva a imaginar, de um modo apressado, que a explicação de um jogo se encerra na apreensão de suas regras. No entanto, se direcionarmos nosso olhar para as dinâmicas que se instauram entre os jogadores, perceberemos que a figuração formada por eles guarda certas especificidades que são, justamente, o resultado da articulação entre sujeitos específicos com características específicas no que diz respeito a habilidades, níveis de experiência, preferências e personalidades. Por isso, em jogos *multiplayer on-line*, a inserção e/ou saída de um jogador sempre tem impacto direto no andamento de uma determinada partida do jogo. No entanto, apontar para essa importância dos jogadores nos rumos de uma partida não significa dizer que esses rumos possam ser controlados, individualmente, por qualquer um desses jogadores, pois um sempre terá suas ações condicionadas pelas ações do outro. Por isso, em termos eliasianos, a figuração e os resul-

- 
- (1) Em Murray (2003), encontramos um ótimo exemplar desta perspectiva que, nas análises das dinâmicas dos jogos, aponta para a importância da capacidade de agência dos indivíduos. Segundo esse autor, «agência é a capacidade gratificante de realizar ações significativas e ver os resultados de nossas decisões e escolhas» (*Ibidem*, p. 127), sendo essa capacidade potencializada no ambiente virtual propiciado pelas tecnologias computacionais: «no computador, encontramos um mundo que é alterado dinamicamente de acordo com a nossa participação» (*Ibidem*, p. 128). Nesse sentido, Murray lembra que alguns jogos, como o xadrez por exemplo, «possuem um elevado grau de agência, uma vez que as ações são bastante autónomas, selecionadas de uma vasta gama de escolhas possíveis, e determinam inteiramente o curso do jogo» (*Ibidem*, p. 129).
- (2) A compreensão do jogo enquanto uma estrutura externa ao jogador e que lhe é capaz de determinar as ações pode ser vista, por exemplo, no trabalho de MacCallum-Stewart & Parsler (2007), voltado a problematizar o agenciamento em jogos digitais. Basicamente, esses autores defendem que, ao invés de uma agência real, o que tais jogos proporcionam é uma «agência ilusória», a qual se constitui como o resultado de um processo deliberado de indução que leva o jogador «a acreditar que ele tem maior impacto e importância dentro do jogo». «Essa é uma faceta do design do jogo que parece permitir ao jogador liberdade e escolha pessoal, mas na verdade guia-os em linhas rígidas por uma narrativa relativamente linear».

tados de um jogo são invariavelmente o produto das relações de interdependência entre os jogadores envolvidos.

Com relação aos *media* que substituem meios de transmissão tradicionais, como as plataformas de vídeo, os quais têm-se firmado enquanto espaços de interação, visibilidade e divulgação de pessoas, serviços e produtos, muitos de seus processos e dinâmicas de funcionamento só podem ser plenamente compreendidos atentando-se para as relações de interdependência que nelas se desenvolvem: a emergência dos líderes de opinião («influenciadores digitais», «webcelebridades»), o sucesso ou o fracasso de um produto, o estabelecimento de grupos a partir de interesses partilhados, são alguns processos cuja existência estão inteiramente condicionadas por uma rede de relações sociais, com seus variados padrões comportamentais que orientam, por exemplo, as curtidas, os compartilhamentos e comentários em relação às publicações, e que são fundamentais ao desenvolvimento daqueles processos.

Pensando dessa forma, no que diz respeito ao fenômeno dos «influenciadores digitais» em plataformas de vídeo, um primeiro aspecto a ser ressaltado é o fato de que tal fenômeno só faz sentido num contexto marcado pelos processos específicos de individualização, pela elevada valorização do indivíduo, decorrentes da reestruturação específica das relações humanas, cujo cerne é a diferenciação social, que fez surgir nossas sociedades modernas. Nesse contexto, a palavra «indivíduo», em termos valorativos, tanto «pode simbolizar aquilo que a pessoa isolada é capaz de realizar, independentemente de todas as demais e em concorrência com elas, por energia e mérito próprios», quanto pode transmitir a imagem de grandes personalidades criadoras, dignas de reverência, a quem as pessoas podem imitar e, por vezes, talvez se identificar (Elias, 1994a, p. 75). Assim sendo, podemos entender tanto os desejos que impulsionam as ações de um indivíduo na busca por visibilidade quanto a lógica que orienta as ações de seus seguidores em relação a ele: é o culto ao indivíduo, próprio das sociedades modernas, a base do fenômeno dos «influenciadores digitais».

Para além dessa lógica individualizante, é importante não perder de vista, na análise do processo de constituição desse fenômeno, outros padrões sociais con-cernentes às necessidades específicas – econômicas, sociais e culturais – que estruturam as relações de interdependência. Isso porque tais padrões, ao conformarem as estruturas de personalidade individuais, definem tanto a orientação de um dado líder de opinião em direção a certo campo de atuação quanto a aproximação e adesão dos demais indivíduos em relação a esse líder. Assim, vemos surgir «influenciadores digitais» nos mais variados campos sociais (moda, música, cinema, economia, religião, política, etc.), seguidos por milhares de indivíduos que demonstram sua adesão a tais líderes através de diversos recursos – inscrição nos canais dos «influenciadores digitais», curtidas, comentários e compartilhamentos de suas postagens – que implicam na existência e legitimação dessas lideranças.

Essa mesma lógica orienta tanto a formação de grupos de interesse quanto o sucesso ou fracasso de certos produtos no âmbito das plataformas de vídeo. Assim, em última instância, a convergência dos padrões de sentimento, pensamento e ação entre indivíduos, somente é possível porque esses se inserem em uma mesma figuração social, que possibilita sua articulação em um mesmo grupo de interesses – os grupos de fãs são um exemplo característico desse fenômeno – e/ou sua adesão em massa a um mesmo produto, garantindo-lhe sucesso – por exemplo, o grande número de visualizações de um videoclipe musical.

Por fim, com relação aos *media* para pesquisa de informações, em especial as enciclopédias *on-line* com tecnologia *wiki*<sup>1</sup>, a noção eliasiana de interdependência lança luz sobre um conjunto de relações sociais escamoteada pela ênfase dada aos conteúdos sem qualquer referência a seus autores. Nesses espaços, a dimensão individual é aparentemente suplantada por um conjunto de conteúdos que, mesmo sendo mutável quantitativamente (inserção de novos conteúdos) e qualitativamente (reformulação de conteúdos existentes), parece obedecer a uma estrutura relativamente estável (organização e regras de funcionamento). No entanto, se ultrapassarmos essa observação superficial das referidas enciclopédias *on-line*, imergindo nas suas dinâmicas internas de construção, perceberemos que elas são o produto de uma complexa rede de relações de interdependência, sendo cada um de seus conteúdos a síntese de uma série de contribuições individuais, por vezes conflitantes. Nesse sentido, não se pode dizer nem que as enciclopédias *on-line* são inteiramente o resultado da vontade de um indivíduo nem que, ao contrário, seguem uma lógica estrutural autônoma para além das ações individuais. Isso pode ser bem visualizado na seguinte descrição da tecnologia *wiki*:

«Nas wikis, quanto mais relevante o assunto de uma página, mais interessados haverá e, como cada um destes pode editá-la como um todo, apenas o entendimento coletivo permitirá compor uma versão duradoura. Quando não há entendimento, ocorrem disputas de edições e algumas wikis tem mecanismos de moderação para evitar isso.

Para facilitar esse diálogo, algumas implementações anexam a cada página uma outra, específica para discussão da primeira. Os usuários então aproveitaram esse espaço de discussão como fórum, rascunho e até para organização da microcomunidade que surge em torno de certas páginas muito populares» (Abdo, 2015, p. 180).

Nessa descrição importa menos a racionalidade do processo, que pode ser suposta a partir da expressão «entendimento coletivo», e mais o aspeto relacional e imprevisível de uma produção que não existiria como tal sem a participa-

---

(1) «Um wiki é um *software* baseado na *web* que permite a todos os visualizadores de uma página alterar o seu conteúdo editando a página *on-line* em um navegador. Isso torna o wiki uma plataforma simples e fácil de usar para o trabalho cooperativo em textos e hipertextos» (Ebersbach *et. al.*, 2008, p. 12).

ção de todos os indivíduos envolvidos, mesmo que nenhum desses possa, de modo efetivo, determinar unilateralmente o produto final.

Atentar para as relações de interdependência que estruturam as redes sociais virtuais nos ajuda a superar não apenas os determinismos estruturais de caráter tecnológico que impossibilitam a percepção da importância dos indivíduos na tessitura das relações sociais, como também os discursos individualistas que, ao apontar para a ampliação das possibilidades de ação individual gerada pelas novas tecnologias da informação, alardeiam a emergência de uma suposta autonomia do indivíduo no ciberespaço.

Ainda nesse contexto, ganha relevo a nova mirada que o pensamento eliasiano nos possibilita no que diz respeito ao poder, visto aí enquanto um aspecto estrutural que atravessa as redes sociais, sejam elas estabelecidas nos espaços físicos ou no espaço virtual. Essa compreensão do poder nos conduz a olhar para a natureza das relações de interdependência que se estabelecem entre os indivíduos, para as necessidades recíprocas que as sustentam e que nos permitem alcançar os diferenciais de poder que possibilitam a predominância de certos indivíduos ou grupos sobre os demais.

Nesse sentido, no âmbito das relações travadas por meio das novas tecnologias da informação, o poder se materializa nos processos de dominação socio-tecnológica resultantes, por exemplo, das desigualdades de acesso e uso daquelas tecnologias, principalmente no que diz respeito à *Internet*, considerando o fato de que estar conectado e envolver-se nas diversas relações sociais *on-line* são condições extremamente valorizadas numa sociedade que, em grande medida, se estrutura a partir das relações travadas em ambiente virtual! Essa desigualdade, conhecida como «lacuna digital»<sup>2</sup>, resulta de outras desigualdades, em especial, a econômica – que pode ser constatada na distribuição assimétrica dos recursos financeiros para compra, manutenção e uso de *hardwares* e *softwares* – e a cultural – observada nas diferenças de níveis de conhecimentos, habilidades e competências, principalmente aqueles de caráter tecnológico (Selwyn, 2004).

Quando voltamo-nos mais detidamente sobre alguns aspectos das interações que ocorrem nos variados *media* que compõem o ciberespaço, é possível perceber diversos indícios de como as desigualdades econômicas e culturais tendem a estruturar as relações de poder aí existentes: nas disputas por visualizações, curtidas, compartilhamentos e seguidores, que são elementos fundamentais para a

(1) Como ressaltam Servon & Nelson (2001, p. 279): «[O] acesso à tecnologia da informação (TI) e a capacidade de usá-la se tornam, cada vez mais, parte do kit de ferramentas necessário para participar e prosperar em uma sociedade baseada na informação».

(2) A *Organisation for Economic Co-Operation and Development* (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) define «lacuna digital» como o «abismo entre indivíduos, famílias, empresas e áreas geográficas em diferentes níveis socioeconómicos, tanto no que diz respeito às oportunidades de acesso às tecnologias de informação e comunicação (TICs) quanto ao uso da *Internet* para uma ampla variedade de atividades» (OECD, 2001, p. 5).

construção dos processos de dominação nas redes sociais *on-line*, levam vantagem aqueles usuários que têm a sua disposição equipamentos e outros materiais logísticos para produção de seus conteúdos e espaços reservados de divulgação, garantidos pelo poder económico, e *know-how*, cujos níveis dependem da aproximação e da sistemática experiência com relação a certos tipos de conhecimento e práticas culturais, especialmente no que diz respeito a cibercultura!<sup>1</sup>

No entanto, nas redes sociais *on-line*, não podemos pensar as relações de poder como sendo definidas apenas pelas desigualdades económicas e culturais, pois isso nos faz perder de vista a origem polimorfa do poder. Nesse contexto, sobressai ainda os processos de dominação que resultam dos recursos que indivíduos e grupos têm relacionados a quantidade e a qualidade de suas conexões sociais, sejam elas de carácter familiar, amical, comunitária ou profissional. É precisamente para a importância dessas conexões sociais na compreensão das relações de poder que Elias (2000, pp. 21-22) chama a atenção ao dizer, no que concerne a relação estabelecidos-*outsiders*, que «os diferenciais do grau de coesão interna e de controlo comunitário, podem desempenhar um papel decisivo na relação de forças entre um grupo e outro».

Pensando nesses termos, mesmo que reconheçamos a importância do poder económico e cultural na explicação de um conjunto de elementos – visualizações, curtidas, compartilhamentos e seguidores – que indicam processos de dominação nas redes sociais *on-line*, podemos afirmar, a luz do pensamento eliasiano, que tais elementos podem ser justamente os fatores primordiais que venham a determinar as relações de poder, podendo inclusive serem, por seu turno, impulsionadores do poder económico.

Retomando o caso dos «influenciadores digitais», encontramos, na caracterização feita por Mavroudis acerca desse fenómeno, dois aspetos que lhes são cruciais – seu alcance e suas redes colaborativas – e que nos remetem diretamente para a importância de uma rede de contactos no estabelecimento do poder de um «influenciador digital»:

«O alcance refere-se ao número de seguidores que um influenciador possui. Quanto maior o número de seguidores, maior o alcance que eles possuem. As redes colaborativas são os laços profissionais e/ou pessoais que os influenciadores têm com outros influenciadores no Instagram. Dentro de cada subgrupo de influência digital (viagens, moda, beleza, comida etc.), existem grandes atores identificáveis. A afiliação ou proximidade com essas pessoas impulsionará os seguidores e o *status* de um usuário do Instagram» (Mavroudis, 2019, p. 85).

---

(1) Cibercultura, na visão de Lévy (2010, p. 17), pode ser entendida como «o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço».

De acordo com as pesquisas desse autor, são justamente o alcance e a rede colaborativa de um «influenciador digital» que o torna valoroso para o mercado, já que isso revela a sua potencial «capacidade de endossar marcas». Para Mavroudis (2019, p. 85), essa capacidade pode ter seu valor de mercado medido justamente pelos valores que lhes são pagos em decorrência de seus trabalhos voltados ao endosso de marcas. Nas palavras do referido autor: «esses valores podem variar enormemente de acordo com o alcance e as redes colaborativas que um usuário possui». O que vemos aí é precisamente a conversão do poder de influência social, decorrente de uma ampla rede de contactos, em poder económico.

Quando um usuário da rede *on-line* alcança o *status* de «influenciador digital» é possível se perceber o poder que ele exerce, por exemplo, na definição de certos comportamentos junto aos seus seguidores e na conformação de padrões de produção de conteúdos junto a outros «influenciadores digitais». Ou seja, o exercício do poder por um «influenciador digital» está no fato dele ser um modelo para os outros e é esse fato que gera visualizações, curtidas, compartilhamentos e seguidores, os quais podem ser monetizados, convertendo-se em poder económico.

Em suma, por se estabelecerem através dos processos correlacionados de estratificação social e distribuição desigual dos recursos materiais e imateriais, as redes sociais sempre terão um componente de poder orientando as relações tecidas, mesmo que ele varie conforme as possíveis mudanças que venham a ocorrer naqueles processos. Nos termos eliasianos, sempre que houver uma mudança na estrutura das relações sociais, ou seja, na estratificação social e na distribuição dos recursos, isso irá gerar uma mudança no equilíbrio da balança de poder, a qual é bastante instável no ambiente virtual em decorrência das características idiossincráticas desse espaço. Isso nos conduz a mais uma das possíveis contribuições do pensamento eliasiano para compreensão das redes sociais *on-line*, a saber, os processos de mudança nesse contexto.

Para adentrarmos nessa discussão, é fundamental considerar, primeiramente, algumas das principais características do ciberespaço no que concerne ao seu impacto no modo como se estruturam as relações de interdependência que se estabelecem nesse ambiente. Dentre essas características, podemos citar, pelo menos, as seguintes: o aumento da interatividade resultante da ampliação das possibilidades de conexão em um ambiente tecnologicamente estruturado em rede; a flexibilização das conexões entre usuários que decorre da ausência de limites geográficos, os quais normalmente ocasionam densidade e estabilidade às relações sociais; a intensificação da compressão espaço temporal, possibilitada por uma tecnologia informacional que ampliou a velocidade de transmissão de informações, deslocalizou e destemporalizou os processos de emissão e recepção de mensagens – o envio de uma mensagem pode ocorrer a partir de qualquer lugar, a qualquer hora, por meio de qualquer dispositivo; e o anonimato enquanto aspeto estrutural da participação individual no ciberespaço, tendo em

vista que a identidade que um indivíduo assume no mundo *on-line* pode não corresponder à sua identidade no mundo *off-line* (Mcquail, 2013).

Como se deduz a partir dessas características do ciberespaço, as relações de interdependência aí tecidas são marcadas pela fragilidade, resultando em figurações sociais potencialmente instáveis, o que as tornam extremamente suscetíveis a frequentes mudanças. Se observamos a estrutura das relações sociais que ocorrem na *internet* em geral, e nos *media* que a constituem em específico, ao longo de um curto período de tempo, perceberemos um processo de transformação cuja velocidade e intensidade saltam aos olhos. E isso ocorre, pensando em termos eliasianos, justamente devido ao intenso fluxo de novas conexões e desconexões entre indivíduos, que estabelecem, a cada instante, novas relações de interdependência, cujas necessidades e comportamentos envolvidos demandam constantes reconfigurações das redes *on-line*.

## Considerações finais

Com base nas discussões precedentes, demonstrou-se as relevantes contribuições de Norbert Elias para os estudos das redes sociais, com foco nas redes sociais *on-line*. Pudemos evidenciar, a partir da perspectiva eliasiana, as relações de interdependência que estruturam as interações sociais no ciberespaço e que são possibilitadas, por um lado, pelos avanços tecnológicos recentes e, por outro, pelos padrões sociais de autorregulação (*habitus*) estabelecidos conforme a figuração social posta. É importante destacar, nessa abordagem, o fato de que os processos de evolução das estruturas sociais e de personalidade se dão de forma inter-relacional e indissociável. Nesse sentido, de um ponto de vista eliasiano, pudemos notar que as experimentações tecnológicas, que resultaram na Internet, estão diretamente correlacionadas às figurações sociais e aos padrões de autorregulação delas resultantes. Assim, pensando a partir de Elias, não só trouxemos outra compreensão acerca do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, como também no que diz respeito às relações sociais que se desenvolvem a partir de seus diversos usos.

Vimos que os esforços de Elias em produzir um arcabouço teórico capaz de distanciar-se das dicotomias estabelecidas pelas perspectivas holista e atomista, das reificações conceituais, das exacerbadas especializações disciplinares, assim como também dos usos reducionistas do método estatístico, resultou em um instrumental bastante profícuo na evidenciação das figurações sociais enquanto unidades compostas, marcadas pela interdependência entre seus componentes e em constante processo de transformação social, de acordo com as mudanças na balança do poder.

Assumindo uma perspectiva eliasiana em relação a Internet, tomada enquanto espaço de interação social (ciberespaço), entendemos que ela não deve ser pensada como uma coisa material, cuja lógica de funcionamento independente dos indi-

víduos. Antes ela deve ser entendida como um fenômeno social resultante das relações de interdependência estabelecidas entre sujeitos/usuários. Além disso, a Internet não deve ser tratada a partir de especializações exacerbadas que tanto podem limitar a sua compreensão quanto podem colocar o conhecimento referente ao seu funcionamento numa fortaleza com pontes levadiças erguidas, acessível a poucos especialistas.

Acerca das perspectivas dicotômicas sobre a Internet, podemos dizer que não nos parece frutífera nem a visão holista, que a apresenta de forma homogênea, sobretudo porque não dá a devida importância à diversidade de elementos inter-relacionados que a formam, nem a abordagem atomista, que ignora as relações estruturais existentes entre as partes que a constituem. Através do conceito de figuração, Elias nos oferece um caminho à superação dessa dicotomia, pois nos leva a olhar a Internet sob uma perspectiva sociológica atenta às relações de interdependência que a constituem e que se forma a partir dela.

Em síntese, amparados por esse arsenal teórico eliasiano, pudemos observar que avanços tecnológicos, sobretudo relacionados aos meios digitais de comunicação: *i)* expandiram as relações de interdependência entre os indivíduos; *ii)* ampliaram sobremaneira as figurações sociais; *iii)* mudaram a estrutura dos elos entre os indivíduos, tornando-os mais flexíveis; e *iv)* criaram novos mecanismos para exercício do poder. Tendo em vista esses resultados, podemos inferir que o modelo teórico de análise social proposto por Elias apresenta grandes potencialidades para compreensão das redes sociais *on-line*.

Para além dos esforços aqui realizados, há outras possíveis aplicações da teoria reticular eliasiana para pensar as relações sociais *on-line*. Ainda que não objetivamos traçar uma agenda de pesquisa nesse sentido, indicamos a possibilidade de pensar, por exemplo, a constituição da cibercultura a partir da ideia de padrões sociais de autorregulação. Da mesma forma, é possível também se apropriar das contribuições de Elias para refletir sobre o repertório de estratégias *on-line* desenvolvidas e utilizadas pelos movimentos sociais contemporâneos para a mobilização de atores sociais, assim como para a consolidação de pautas de luta e para a manutenção da coesão social necessária à ação coletiva sustentada.

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede  
[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto UIDB/04624/2020.

CLISSIS – Centro Lusfada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social | Universidade Lusfada.

#### FICHA TÉCNICA

Título: Redes Sociais. Como Compreendê-las? – Uma Introdução à Análise de Redes Sociais

Autores: Joaquim Fialho e Outros

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

Imagem da capa: Psstockfoto | Dreamstime.com

1ª Edição – Lisboa, outubro de 2020.

Impressão e acabamentos: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

Depósito Legal: 475202/20

ISBN: 978-989-561-095-2

 **EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**  
Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Telf.: 218130345

e-mail: [silabo@silabo.pt](mailto:silabo@silabo.pt)

[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

JOAQUIM FIALHO

organização

# REDES SOCIAIS

Como compreendê-las?

Uma introdução  
à análise de redes sociais

EDIÇÕES SÍLABO